

ECOESPIRITUALIDADE A PARTIR DAS NARRATIVAS DA CRIAÇÃO RESCOBRINDO A PERTENÇA À CASA COMUM¹

Capaz de transformar desertos em terra fértil,
o homem parece orgulhar-se de ser um criador de desertos².

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon³
Esp. Junior Bufon Centenaro⁴

Resumo: O atual sistema econômico mata. Mata a vida, os sonhos, as esperanças, os pobres, a Casa Comum. No entanto, diversos mitos da criação ensinam que fomos criados para viver de maneira diferente, com outro estilo de vida, com outra espiritualidade. Revisitar e saborear a sabedoria destes mitos nos ajuda a redescobrir o sentido de pertença a mesma Casa Comum e a encontrarmos pistas espirituais desafiadores a fim de colaborar na assunção de uma ecologia integral.

Palavras-chave: Deus, ecoespiritualidade, Francisco, casa comum, criação.

INTRODUÇÃO

O impasse ambiental enfrentado em escala planetária interpela a humanidade a repensar suas bases culturais, científicas e religiosas. A era do Antropoceno apresenta a amplitude do risco

¹O presente ensaio constitui-se como uma reconstrução de uma das partes do trabalho de conclusão da Pós Graduação em Espiritualidade, de Junior Bufon Centenaro, realizada na Itepa Faculdades de Passo Fundo.

²H. CAMARA, *Quem não precisa de conversão?*, p. 50.

³Doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma; Mestre em Teologia Sistemática com Especialização em Espiritualidade pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Graduado em Teologia pela Itepa Faculdades, Passo Fundo, Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: itepafaculdades@hotmail.com.br

⁴Mestrando em Educação (Bolsista Capes) pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. Pós Graduado em Espiritualidade pela Itepa Faculdades. Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: junior.centenaro@bol.com.br

que a vida da Casa Comum está passando, pois nunca antes na longínqua história da vida na Terra uma espécie pode colocar em perigo a existência de todas as outras formas de vida. O modelo humano atual de habitação do planeta mostra-se insustentável, pois opera numa lógica linear e ilimitada de extração dos recursos naturais, num planeta que não funciona de forma linear, e é finito. Pertencer a um grupo, a um ambiente, estar situado e localizado, implica uma configuração com esse espaço, uma identificação responsável, quando se reconhece que ele é imprescindível para o equilíbrio das relações. As atitudes humanas revelaram explicitamente a partir da modernidade uma quebra de sentido de pertença à natureza. A áurea da apropriação da natureza por parte do ser humano o tornou muito alheio e distante de sua casa, o planeta, desenraizando-o dos ecossistemas.

A ecoespiritualidade apresenta-se como campo problematizador da crise ambiental e ao mesmo tempo, como resposta e busca de ressignificações no campo religioso e espiritual no que tange a relação ser humanidade/natureza. Para Boff⁵, ela representa uma mudança de paradigma, e nas suas palavras, essa transição significa que “por séculos pensamos sobre a Terra. Nós éramos o sujeito do pensamento e a Terra o seu objeto e conteúdo. Depois de tudo o que aprendemos da nova cosmologia, importa pensarmos *como* Terra, sentirmos *como* Terra, amarmos *como* Terra”. Constitui dizer que ecoespiritualidade é sentir, amar e pensar como Terra. Aguirre e Franky, citam a definição de Victorino Pérez Prieto, ressaltando que a “espiritualidade ecológica supõe uma conexão empática com a realidade, cujo traço fundamental é a unidade indivisível entre Deus, o mundo, o humano”⁶. Essa concepção leva a entender Deus como “relação” em substituição da ideia de Deus dominador, que significa uma busca de comunhão harmônica com o todo. De modo geral, a

⁵Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, p.306.

⁶Cf. Alírio AGUIRRE; Carlos FRANKY. *Espiritualidades, religiões e ecologia*. In: Afonso MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 109.

espiritualidade ecológica nos desafia a aprender a viver e conviver dentro da casa comum. “A mudança climática não nos pergunta se somos cristãos, muçulmanos ou hinduístas, não escolhe gênero, nem raça, idade ou ideologia”, mas exige construir uma “unidade a partir da diversidade da vida”⁷.

O objetivo deste ensaio é identificar alguns elementos concernentes a ecoespiritualidade e elucidar sua contribuição para a redescoberta do sentido de pertença a Casa Comum⁸. Para uma melhor organização didática, amparados em pesquisa bibliográfica de caráter investigativo hermenêutico, organizamos o texto em duas partes. Inicialmente apresentaremos contribuições da sabedoria das tradições religiosas diante do impasse ambiental e a noção de compreender a Terra como grande Mãe. Em seguida lançamos pistas desafiadoras no campo da espiritualidade ecológica para construir uma habitação consciente e sustentável da Casa Comum.

1 - SABEDORIA DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS ANTE O IMPASSE AMBIENTAL

Nas mais variadas tradições religiosas do mundo existem narrativas muito antigas que buscam explicar a origem das coisas, da vida, do Universo. Para Boff⁹, “A narrativa faz parte do ideário dos grupos culturais, dos maiores aos menos expressivos, mas revela “como os seres humanos se representam a origem do universo, seu lugar no cosmos, o sentido da caminhada humana, como o presente é o futuro do passado, qual o destino da humanidade e como tudo se religa com a divindade”. Uma narrativa busca definir segurança e ordem, criar sentido para a vida, explicar o passado, o caos e desenhar o futuro. Geralmente as

⁷Ibidem. p. 111.

⁸O termo ganhou força com a publicação da Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da Casa Comum, publicado em 2015, de autoria do Papa Francisco.

⁹Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, p. 63.

narrativas se expressam em linguagem mítica e simbólica e comumente são perpassadas de geração em geração de forma oral.

A espiritualidade ecológica busca nesse universo simbólico das mitologias da criação recuperar elementos fundamentais da sabedoria antiga que indicam uma relação respeitosa e equilibrada com o ambiente. Em primeiro lugar é importante estabelecer uma abertura a essas formas de sabedoria milenar que não poucas vezes estão à margem da lógica ocidental dominante do pensamento, quando não vitimadas pelo preconceito oriundos do cientificismo e outros aditivos arrogantes. Em segundo lugar é necessário redescobrir as implicâncias da ecoespiritualidade para o cristianismo, e nisto, a compreensão integral da narrativa da criação presente no Gênesis.

1.1 - TRADIÇÕES AUTÓCTONES DO CONTINENTE AMERICANO

Para as tradições autóctones do continente Americano, *sentir, amar e pensar* como terra é um legado e uma experiência intimamente ligada aos valores culturais, religiosos e sociais. Da mesma forma que é possível ter uma visão atualizada via hermenêutica da narrativa da criação presente no livro do Gênesis, pode-se encontrar no conjunto de saberes religiosos das tradições ancestrais elementos sobre o cuidado da Casa Comum e da relação de irmandade com as criaturas, que compartilham o mesmo ninho de vida, a casa Terra. Segundo Marcelo Barros¹⁰, “para a maioria dos povos indígenas, a Mãe Terra é tratada como o espaço e casa dos espíritos. E essa compreensão de que a Terra é moradia do Espírito, é comum a quase todos os povos indígenas”. Isto leva a uma forma de celebrar a relação com a Terra e com o sagrado em todos os momentos da vida. A Terra não está fora do ser humano e de sua existência, mas ela é comunicação de vida, a própria vida

¹⁰ Marcelo BARROS. *A profecia da Terra, a Espiritualidade e Desafios para a Fé*. p. 22.

que nutre, alimenta, sustenta e acolhe o ser humano novamente no final de sua vida. Uma das figuras mais simbólicas é a *Pacha mama*, que para Aguirre e Franky¹¹ é “a grande mãe, que comunica seu amor, alimentando-nos e acolhendo-nos, desde que nascemos até quando voltamos a ela”.

Em torno da figura da *Pacha mama*, configura-se o paradigma do Bem Viver das culturas indígenas. A colonização europeia subjugou e demonizou grande parte do saber e da estrutura religiosa dos povos autóctones, e hoje a Igreja Católica reconhece que é preciso revisitar a sabedoria e a espiritualidade dessas culturas. O Bem Viver constitui-se como uma dessas buscas. Vallinoto et al, afirma que é “um conceito em construção que engloba os termos *sumak kawsay*, do quéchua do Equador, e o *suma qamanã*, dos aimarás da Bolívia”¹². Ele se torna paradigma porque além de ser um “projeto social vindo das culturas indígenas, pode ser para nós um testemunho concreto da realização de uma ecologia amorosa que nos faz viver em comunhão com todo ser vivo e com todo o universo”¹³. Ele se torna paradigma pois leva a um modo de ser, a uma maneira de entender a vida e conduzi-la, de forma relacional, na qual a liberdade, a felicidade, a reciprocidade e o cuidado e a festa são valores fundamentais¹⁴. Na *Carta da Terra*¹⁵, afirma-se a defesa, sem discriminação dos direitos de todas

¹¹ Cf. Alírio AGUIRRE; Carlos FRANKY. Espiritualidades, religiões e ecologia. In: Afonso MURAD (Org.) *Ecoteologia: um mosaico*. p. 119.

¹² Maria Jesus VALLINOTO; Nohora NINÕ; Gérman CLAVIJO. Educar para o Bem viver à luz da fé. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. p. 194.

¹³ Cf. Marcelo BARROS. “Ecologia integral e espiritualidade trans-religiosa”. In: *Livro-agenda Latino-americana*, p. 232.

¹⁴ Maria Jesus VALLINOTO; Nohora NINÕ; Gérman CLAVIJO. Educar para o Bem viver à luz da fé. In: Afonso MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 195.

¹⁵ Em 14 de março de 2000, na Unesco em Paris, foi aprovada depois de 8 anos de discussões em todos os continentes, envolvendo 46 países e mais de cem mil pessoas, desde escolas primárias, esquimós, indígenas da Austrália, do Canadá e do Brasil, entidades da sociedade civil, até grandes centros de pesquisa, universidades, empresas e religiões.

as pessoas a um ambiente natural e social, que possa assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem estar-estar espiritual, dando especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias. Além disso, afirma-se “o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida”¹⁶.

A cosmovisão indígena é repleta de simbolismo quando se pensa o ser humano como um filamento na enorme teia da vida. Na famosa carta do Cacique Seattle¹⁷ encontramos uma noção muito clara dessa relação: “A terra não pertence ao homem. É o homem que pertence a terra. [...] todas as coisas estão interligadas. O que acontece à Terra recai sobre os filhos da Terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida. Ele é só um fio dentro dela. Tudo o que ele fizer a teia estará fazendo a si mesmo”. Essa maneira de compreender o ser humano conectado a teia da comunidade de vida pode muito bem ser identificada nos mitos e lendas de origem do mundo das tradições indígenas, fundamentais para compreender o cuidado ecológico e a espiritualidade que cerca este cuidado.

Na revisitação da tradição indígena Kaingang, por exemplo, encontramos preciosos elementos para uma visão holística da ecoespiritualidade, além de ser um pequeno pagamento de uma dívida a este povo que foi dizimado pela colonização... Do povo jogado à margem pela sociedade, pisado e maltratado junto com a Mãe Terra pelo avanço destruidor alicerçado no mito do progresso ilimitado, surge uma chama de esperança, um lembrete básico a toda a humanidade de que somos filhos da Terra.

O povo Kaingang entende-se como filho da terra, pois a lenda da origem dos primeiros humanos, contada em sua mitologia,

¹⁶Leonardo BOFF. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. p. 174.

¹⁷A famosa Carta do Cacique Seattle, teria sido dirigida ao Presidente dos Estados Unidos Franklin Pierce, em 1854, em resposta à proposta deste último de comprar terras que até então tinham “pertencido” à sua tribo, os índios Duwamish, que habitavam a região onde atualmente se encontra o estado de Washington - no extremo Noroeste dos Estados Unidos, fazendo divisa com o Canadá. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>>.

afirma que os dois primeiros da sua nação saíram do solo: “numa serra, não sei bem onde, no sudoeste do estado do paraná, dizem eles que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje l e a ela se vão reunir as almas dos que morrem, aqui em cima”¹⁸. O ser humano  totalmente dependente da terra que o criou e o sustenta até sua morte, e aliás, ela o acolhe novamente em seu seio quando o sopro vital chegar ao fim.

Na mitologia Guarani, *Nhanderuvuçu*, divindade suprema, foi quem criou tudo. Vendo sua criao decidiu que deveria povo-la, pegando um pouco de argila, foi moldando uma figura e chamou de homem e outra figura chamou de mulher, “misturando vários elementos da natureza para deixar cada vez mais bonita sua criao”. Quando estava satisfeito, soprou a vida nas figuras. “No seu sopro havia o princípio do bem e do mal, e então *Nhanderuvuçu* partiu e deixou os homens aqui”¹⁹. Percebe-se, portanto, que este mito apresenta importantes questões para uma visão ecoespiritual: a relao do ser humano com a terra, a origem e o fim da vida humana, a sexualidade dos seres humanos, a demografia, o bem e o mal, a liberdade, a divindade criadora...

O racionalismo moderno, por sua vez, impregnou uma série de estereótipos aos saberes míticos e por muito tempo se acreditou que seriam formas ultrapassadas, pois a razão instrumental daria conta de solucionar os grandes dilemas humanos. Segundo Marcelo Barros²⁰, “cientistas atuais que pesquisam Física Quântica afirmam que a realidade material do universo se manifesta como realidade relacional. O mundo não  só uma realidade concreta. Há uma interao entre os seres animados

¹⁸Povos Indígenas no Brasil. *Cosmologia e Mitologia*. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/289>>.

¹⁹Perdido em Pensamentos. *Mitologia Guarani*. Disponível em: <<http://perdido.co/2016/05/mitologia-guarani/>>.

²⁰Cf. Marcelo BARROS. *A profecia da Terra, a Espiritualidade e Desafios para a Fé*. p. 23.

e inanimados”. Isso é comprovado, por exemplo, quando o físico Fritjof Capra²¹, ao trabalhar com o conceito de alfabetização ecológica afirma que um pensamento complexo e sistêmico conduz a uma mudança de objetos para relações. Compreender relações não é fácil, pois vai contra o método científico tradicional da cultura ocidental, que ensinou a medir e pesar as coisas. Para o físico, as “relações não podem ser medidas nem pesadas; precisam ser mapeadas. Podemos desenhar um mapa de relações, interligando diferentes elementos ou diferentes membros de uma comunidade”. Portanto, a realidade é muito mais que a soma das partes, é uma rede de relações e de padrões, dinâmica e complexa, a exemplo de um ecossistema, que é conhecido como um todo organizado e relacionado. Sem desprezar as conquistas da Modernidade, o paradigma ecológico têm criticado vários limites desta, tais como a razão instrumental, o antropocentrismo, o tecnicismo, o positivismo, o colonialismo econômico e cultural. Nos últimos tempos, de modo especial, a Espiritualidade do Seguimento a Jesus Cristo, tem denunciado a idolatria do mercado que tem exigido o sangue dos pobres e da Terra²².

Retomar as tradições espirituais ancestrais de todos os continentes para pensar uma espiritualidade trans-religiosa aberta para a diversidade de saberes, compreender a ampla gama com que a ecoespiritualidade trabalha, tem possibilitado grandes passos na construção do paradigma ecológico. A espiritualidade dos saberes religiosos-espirituais ancestrais oferece importantes contribuições para um futuro humanizado, sustentável e do Bem Viver.

1.2 - ECOESPIRITUALIDADE QUE EMANA DAS NARRATIVAS BÍBLICAS DA CRIAÇÃO

Dizer criação é mais que dizer natureza (Papa Francisco)

²¹Cf. Fritjof CAPRA, Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século XXI, in: A. Trigueiro (Org.) *Meio Ambiente no século XXI*, p. 23.

²² Ivanir Antonio RAMPON, *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*, p. 32-35.

A epígrafe com a qual iniciou-se o presente tópico é de autoria do Papa Francisco, que na encíclica *Laudato Si'*, revela um dos pontos centrais da ecoespiritualidade que é propriamente defender a relação entre “espírito” e “matéria” como elementos indissociáveis. Nas palavras do Papa:

Na tradição judaico-cristã, dizer “criação” é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com o projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma conversão universal²³.

Não resta dúvida que as palavras referidas acima consolidam uma interpretação da narrativa da criação do livro do Gênesis diferente da interpretação antropocentrista. Assim, tendo em vista que se cada criatura possui um valor em si, existe uma ética que o ser humano precisa respeitar, pois não está nele a centralidade dominadora, aliás, se a criação é um projeto do amor de Deus, como permitir o egoísmo despótico do ser humano com relação a criação? Garcia e Lodonõ dizem que a hermenêutica bíblica tem muito a contribuir com a ecologia e com a ecoespiritualidade. Partem de um princípio de que “a Bíblia não pode oferecer algo que não tem. Por exemplo, não pode dar explicação científica do mundo, do universo. O relato da origem do mundo (*cosmos*) na Bíblia (Gn 1) está escrito em linguagem poética”²⁴. Na *Laudato Si'*, Francisco dedicou uma parte do capítulo que versa sobre o Evangelho da criação para falar da “sabedoria das narrações bíblicas” e acentua que o “livro do Gênesis contém, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua

²³Papa FRANCISCO, *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*. n. 76.

²⁴Luis G. E. GARCIA; Alejandro LODOÑO. Perspectiva a partir da Bíblia. In: Afonso MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 139.

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon

Esp. Junior Bufon Centenaro

realidade histórica”²⁵. Do mesmo modo, sugerem que a existência humana está pautada em três relações fundamentais: com Deus, com o próximo e com a terra; romper com a harmonia dessas três relações é recusar reconhecer-se como criatura limitada e frágil, bem como romper com seu próprio equilíbrio humano pois “tudo o que fere a Natureza e a envenena, e a esteriliza, é insulto ao Criador e desonra o co-criador.”²⁶.

O teólogo Jürgen Moltmann²⁷, tece fortes críticas ao pensamento dominante cristão que legitimou o antropocentrismo exacerbado, considerado uma das raízes humanas da crise ecológica. O Papa Francisco, por sua vez, também salientou tal questão e assim como Moltmann, apontou que do próprio texto mal interpretado surge a possibilidade de uma profunda e nova concepção:

Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1,28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras. Hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados a imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre todas as criaturas²⁸.

Francisco chama atenção para que os textos bíblicos sejam lidos de acordo com seus contextos e com uma justa hermenêutica, para que o “dominar” não seja mal entendido e sim compreendido dentro de seu significado de cultivar e guardar. Uma das mais conhecidas narrativas é a do livro do Gênesis, que descreve a

²⁵Cf. Papa FRANCISCO. *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*. n. 66.

²⁶H. CÂMARA, *Um olhar sobre a cidade*, p. 111.

²⁷Cf. Jürgen MOLTSMANN; Leonardo BOFF. *Há Esperança para a criação ameaçada?*

²⁸Cf. Papa FRANCISCO. *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*. n. 67.

criação do mundo por Deus em sete dias. Para Boff²⁹, a mesma narrativa foi transmitida em duas versões diferentes: a javista (Gn 2) por usar o nome Javé para Deus, datada de aproximadamente 950 a. C., e a sacerdotal (Gn 1), escrita mais tarde de acordo com a “teologia litúrgica do templo”. Ambas as narrativas possuem o “propósito originário de fazer uma profissão de fé sobre a bondade do universo”, pois ao ser criado por Deus o cosmo revela-se mais forte que o caos e as forças de dissolução da vida. O significado da vida e da existência, “desde as estrelas, as plantas, os animais, até os seres humanos, vem carregado de excelência e sentido, porque guarda em si a marca registrada de Deus”³⁰. Essas referências indicam a necessidade de uma leitura ecológica da narrativa da criação, presente no Gênesis.

Em linguagem poética, o relato sacerdotal permite vislumbrar Deus como arquiteto que nos primeiros três dias faz uma separação e nos três dias seguintes uma ornamentação. *Separa* no primeiro dia a luz das trevas, no segundo as águas de cima (céu) e as águas de baixo (mares), no terceiro a terra e as plantas de todo tipo e os mares. *Ornamenta* no quarto dia o firmamento, adornando-o com o sol, a lua e as estrelas; no quinto, o firmamento com as aves e o mar com os peixes; no sexto dia cria os animais e todo gênero e o homem. Nas palavras de García e Lodoño, “para completar aquilo que é próprio de um poema perfeito (significado pelo número 7), o sétimo dia é uma exortação ao cumprimento do repouso sabático, a exemplo de javé”³¹. A narrativa deve ser olhada como um lindo poema, como uma mensagem muito clara revelada por Deus, de que Ele é o criador inteligente e criou o humano também inteligente a sua imagem e semelhança.

O versículo que algumas vezes foi deturpado é o 28º do capítulo 1: “Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos,

²⁹ Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*. p. 64.

³⁰ *Ibidem*. p. 65.

³¹ Cf. Luis G. E. GARCIA; Alejandro LODOÑO. *Perspectiva a partir da Bíblia*. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. p. 142.

multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”³². O problema reside na ideia de superioridade do ser humano sobre a natureza pois o mandato divino é “dominai”, sendo essa uma leitura bíblica que teria fortalecido o antropocentrismo. De todo modo, os autores afirmam que a “relação mais óbvia de “dominar” é com a palavra ‘*Dominus*’, cuja tradução mais óbvia costuma ser Senhor, Dominador, Criador”³³. Todavia na lógica do Deus Criador o ser humano por ser imagem e semelhança é chamado a ser cocriador. Se Deus ama e considerou tudo muito bom, o ser humano como cocriador não pode estragar a obra. Seja qual for a tradução, entender o “dominar” nos dias de hoje é qualquer coisa menos “destruir”. O ser humano é diferente do restante da criação. A ele cabe administrar a casa comum, sendo neste exercício administrativo imagem e semelhança do Criador, ou seja, cocriatura criadora. Há várias décadas já dizia Dom Helder Camara, é “mais do que tempo de defender a Natureza das depredações criminosas que ela está recebendo. Quando Deus encarregou o homem de dominar a Natureza, de modo algum encarregou o homem de arrazar (sic!), destruir... Vamos espalhar a idéia de Mãe Terra?”³⁴.

Moltmann em sua análise, destaca que no segundo relato da criação está mais clara a missão humana de cuidar e preservar o Éden, assim como um jardineiro. São textos antiquíssimos e com o advento da modernidade se tornaram modernos, ou seja, foram interpretados pela ótica renascentista. Nas palavras do teólogo: “no tempo da Renascença esse modelo de ser humano foi aguçado: o ser humano passou ocupar o centro do mundo. [...] Ele vê também o homem como sendo, ‘dentro da ordem universal, o mais invejável

³²Cf. BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 2008.

³³Cf. Luis G. E. GARCIA; Alejandro LODOÑO. Perspectiva a partir da Bíblia. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. p. 145. A palavra também é próxima de *Domus*, ou seja, Casa...

³⁴ H. CÂMARA, *Um olhar sobre a cidade*, 116.

dos seres, (inclusive) entre as estrelas”³⁵. A partir de Francis Bacon o desejo técnico-científico de posse sobre a natureza tornou-se justificado pelo fato do ser humano ser a imagem de Deus. Contudo, é preciso esclarecer que “enquanto a Bíblia fundamenta a dominação do ser humano sobre a criação no fato de os seres humanos haverem sido criados à imagem e semelhança de Deus, Francis Bacon, ao contrário, vai afirmar que a dominação humana sobre a natureza é que comprovará sua semelhança a Deus”³⁶. É o mesmo que dizer que o ser humano ao se tornar proprietário da criação pela ciência e pela técnica se igualaria ao Criador, o “todo poderoso”. Mas não é esta mensagem central bíblica, por isso a exigência de uma justa hermenêutica.

O que há de novo a partir de uma nova forma de ler os textos bíblicos que narram a criação? Pode-se dizer que é uma profunda revolução, ou ainda, uma redescoberta de coisas antigas, porém necessárias para o atual contexto da ecoespiritualidade. Por que esse novo modo de compreender o lugar do humano na criação é uma fonte para a ecoespiritualidade? Primeiramente o ser humano passa a ser entendido como o *último* ser criado, conseqüentemente o mais dependente de todos. Não há possibilidade de sobrevivência do gênero humano sem os elementos circundantes, animais, plantas, ar, água, luz, energia, etc. Os outros seres podem muito bem existir sem a presença do humano, mas o contrário não é possível. Por isso, Moltmann é contundente ao afirmar: “é exatamente por isso que não é correto interpretar o ser humano como se ele fosse o dominador divino ou como solitário jardineiro da natureza”³⁷.

Para poder ser entendido enquanto humano só o é pelas conexões e pelas ligações com os outros seres criados. Deus não soprou o seu Espírito vivificante somente sobre o ser humano, mas

³⁵Cf. Jürgen MOLTSMANN; Leonardo BOFF. *Há Esperança para a criação ameaçada?* p. 20.

³⁶Ibidem. p. 22.

³⁷Ibidem. p. 23.

sobre todos os seres criados, daí conclui-se que, “se a imagem de Deus no ser humano está no Espírito Divino, que nele habita, então todas as demais criaturas, nas quais o Espírito divino também habita, são imagem de Deus e assim devem ser reconhecidas e respeitadas”³⁸. Uma nova leitura ilumina a ecoespiritualidade pois abre aos cristãos e não cristãos, a noção de que as peculiaridades humanas são parte integrante da natureza, assim sendo, o ser humano não é o centro do mundo e, para continuar sobrevivendo, precisa se integrar a comunidade dos seres vivos, à casa comum, abandonando a arrogância dominadora em uma abertura para aquilo que Moltmann denomina de “humildade cósmica”.

2 - PERTENCER À TERRA: DA DOMINAÇÃO DESPÓTICA À HABITAÇÃO CONSCIENTE

Somos isto: seres naturais que habitam em primeiro lugar um mundo natural: um mundo de natureza³⁹

Existe ao mesmo tempo uma relação de pertença e de estranhamento do ser humano com relação a Terra. Muitos pensadores tem utilizado a expressão *filho da Terra*, que é simbólica, tendo em vista que o ser humano necessita impreterivelmente de outros seres para viver, e estes, existem em interdependência. Nas palavras de Afonso Murad, “há um parentesco entre todos os seres vivos. Somos filhos da Terra, pois nossa espécie apareceu depois de longo processo de evolução da matéria e dos seres vivos no nosso planeta”⁴⁰. O estranhamento ocorre na medida em que o os humanos não conseguem reconhecer esse processo de pertença e integração à teia da vida. Para a Ecoespiritualidade, sentir-se pertencente a Casa Comum é pensar, agir, sentir, atuar, comunicar *como* Terra, sendo parte integrante da

³⁸Ibidem. p. 23.

³⁹Cf. Carlos R. BRANDÃO. *Minha Casa, o mundo*, p. 32.

⁴⁰Cf. Afonso, MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 47.

comunidade de vida do planeta, como aponta a *Carta da Terra*. Entretanto, não cabe apenas a ecoespiritualidade esta tarefa, por isso, entende-se que são muitas as contribuições lançadas de várias fontes que interagem, iluminam e somam-se a ela nesse grande desafio de passar de uma dominação e apropriação indevida para uma habitação consciente da Casa Comum.

As várias teorias e ideias que comungam da necessidade de redescobrir o pertencimento do ser humano à Terra, possuem similaridades ao propor que para que isso seja possível é preciso olhar para a Terra como Mãe, como Casa Comum, Comunidade de Vida, Sistema Vivo, Ninho de Vida. Apesar das diferenças que todas essas denominações possam ter entre si, algo é consensual: “tudo está interligado e conectado na grande casa comum”. Diante disso, colocar-se-á em evidência alguns desafios permeados pela ecoespiritualidade, considerados fundamentais para uma habitação consciente da Terra.

2.1- ENTENDER A TERRA COMO GRANDE MÃE

A visão dos astronautas que participaram dos vários programas espaciais revelaram um novo olhar sobre o planeta. A convicção é de que, a Terra é como uma grande nave, um todo azul flutuando pelo espaço. Essa visão do “todo” mudou a concepção dos astronautas, que sentiram-se parte do planeta e acima de tudo responsáveis por ele, haja vista que do espaço não é possível diferenciar o humano do todo, pois o que se vê é um todo resplandecente. Este relato aproxima-se de duas explicações que convergem ao entenderem a Terra como um “grande superorganismo vivo”: *A Pacha Mama*, já citada anteriormente, ligada a cosmovisão dos povos indígenas de sentir-se filhos da Mãe Terra e a *Teoria Científica de Gaia*, de James Lovelock

Gaia é o nome da Terra, entendida como um sistema fisiológico único, uma entidade que é viva pelo menos até o ponto em que, assim como os outros organismos vivos, os seus processos

químicos e a sua temperatura regulam-se automaticamente em um estado favorável aos seus habitantes. [...] A evolução dos organismos se encontra tão intimamente articulada com a evolução do seu ambiente físico e químico que, juntas, constituem um único processo evolutivo, que é autorregulador⁴¹.

Com o olhar das novas ciências, foram dados vários passos ao comprovar que existem relações recíprocas entre os seres animados e inanimados do planeta. A biosfera, juntamente com a atmosfera “formam os oceanos e os continentes como um único e original sistema complexo, o qual tem a capacidade de fazer surgir a vida, bem como o espaço ideal para sua manutenção”⁴².

Em poucas palavras significa dizer que a Terra como grande organismo possui vida, ela é capaz de autorregular-se, gerar permanente vida e autorregenerar-se. As combinações de vários elementos na biosfera são automáticas para a manutenção das condições de sua própria existência, como grande sistema vivo. Essa teoria, que também é chamada de hipótese Gaia, afirma que Gaia agiu de tal maneira que gerou seu princípio antrópico. Porém, a mesma teoria trabalha com a previsão de que se o ser humano continuar a agredir os ecossistemas e afetando os ciclos naturais de sobrevivência do planeta, seria “abortado”, justamente em nome da auto-regulação e auto-regeneração.

Desse modo, o ser humano tem responsabilidade pela garantia das condições de habitação do planeta, reconhecendo que é chamado a cuidar de quem o cuida. A hipótese Gaia tem muito a contribuir com o desafio da ecoespiritualidade de redescobrir a pertença a Casa Comum, a Mãe Terra, como ninho e grande lar onde o ser humano habita com outros seres animados e inanimados, tendo a missão de cultivar e guardar a Casa Comum⁴³. O grande desafio é sermos, de fato, o princípio antrópico que ama, venera,

⁴¹Cf. LOVELOCK Apud MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 49

⁴²Cf. Jürgen MOLTMANN; Leonardo BOFF. *Há Esperança para a criação ameaçada?* p. 35.

⁴³ Ivanir Antonio RAMPON, *Ecologia: um paradigma em prol da vida, Caminhando com o Itepa*, p. 45-60.

conhece, cuida e guarda a criação. Nesta direção nos aponta a Plenitude do princípio antrópico, Jesus Cristo, que nos ensinou a buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33). Da mesma forma, exemplo de feliz memória nos deixou Francisco de Assis, o Padroeiro da Ecologia:

Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior⁴⁴.

2.2 - ECOLOGIA INTEGRAL: HABITAÇÃO CONSCIENTE EM TODAS AS DIMENSÕES DA VIDA

A ecologia integral acerca-se da ecoespiritualidade e a ecoespiritualidade aborda a ecologia integral pois o grande desafio do presente é compreender, pensar e agir dentro de uma ecologia integral. O ambientalismo e outras correntes que procuraram ao longo do tempo intervenções no meio ambiente sem pensar as correlações com as questões sociais mostraram-se ineficazes e incompletos. O Papa Francisco, por meio da *Laudato Si'*, incentivou profundamente o discurso ecológico que vai além da ecologia ambiental uma vez que inclui no documento magisterial o político-social, mental, cultural, educacional, ético e o espiritual. A habitação consciente da Casa Comum não pode ser desvinculada da ecologia integral, aliás, talvez esse seja o segredo para que o ser humano em toda as suas dimensões sintam-se pertencente e

⁴⁴ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 10.

responsável pela Casa Terra. O Testemunho de São Francisco de Assis,

mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reação de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão. A sua reação ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo econômico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe⁴⁵.

O Papa compartilha, portanto, da teoria do pensamento complexo, que compreende que de algum modo tudo está interligado. Segundo ele, não existem crises separadas: “uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” e além disso, as soluções “requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza”⁴⁶. O Papa continua afirmando que a “análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos”, existe uma interação profunda entre os ecossistemas “e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que o todo é superior à parte”⁴⁷. Acrescenta-se a isso a ecologia cultural, ou seja, a cultura “entendida em seu sentido vivo, dinâmico e participativo – que não se pode excluir na hora de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente”⁴⁸.

⁴⁵ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 11.

⁴⁶ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 139.

⁴⁷ *Ibidem*. n. 141.

⁴⁸ *Ibidem*. n. 143.

O Papa faz um alerta de que a visão consumista do ser humano, desencadeada pela economia globalizada, hegemoniza as culturas e debilita a diversidade cultural que é um tesouro para a humanidade. “É preciso assumir as perspectivas dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento de um grupo social, [...], requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais *a partir da sua própria cultura*”⁴⁹. O desaparecimento de uma cultura, por mais simples ou menor que seja é algo grave, tanto o ou mais do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal. Do mesmo modo, “a imposição de um estilo hegemônico de vida ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas”⁵⁰.

A ecologia cultural leva a prestar atenção especial as comunidades indígenas, suas tradições culturais, espiritualidade, modo de vida. Para Francisco, “não são uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam seus espaços”. Para os indígenas a terra é um dom gratuito de Deus e dos antepassados, é espaço sagrado “com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores”⁵¹. Uma ecologia integral interliga as culturas, as formas mais variadas de cuidado, de respeito aos povos e ao planeta. O Papa ao dar ênfase nesse ponto, sobre as comunidades tradicionais ou “aborígenes” como consta na Encíclica, agrega a cosmovisão dos povos indígenas para a espiritualidade ecológica.

A ecologia integral em suas várias dimensões carrega em si o princípio do bem comum, que pressupõe “o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para ser desenvolvimento integral”⁵².

⁴⁹Ibidem. n. 144. Grifos do autor.

⁵⁰Ibidem. n. 145.

⁵¹Ibidem. n. 146.

⁵²Ibidem. n. 155.

Porém, as condições atuais da sociedade mundial revelam desigualdades brutais e cresce o número de pessoas descartadas, privadas de direitos fundamentais, de um ambiente digno de vida. Isto torna como “consequência inevitável” uma “opção preferencial pelos mais pobres”, que leva a pensar no “destino comum dos bens da terra”⁵³. A dificuldade em levar a sério este desafio tem a ver com uma fragmentação e deterioração ética e cultural, que acompanha a degradação ecológica.

Por fim, a ecologia integral possui uma perspectiva ampla, já não se pode falar em sustentabilidade sem uma solidariedade e preocupação intergeracional: “que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão crescendo?”. A espiritualidade cristã e as indígenas tem uma grande contribuição diante disso, pois entendem a terra na lógica da recepção, ou seja, “é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte”⁵⁴. Ela é dada ao ser humano como dom, não pode ser vista somente pelo critério utilitarista da produção do lucro e do consumo ilimitado. A busca pela ecologia integral é uma conversão pessoal e de toda a sociedade, para uma mudança de rumo, para uma autêntica conversão ecológica, para um habitar consciente e responsável da Casa Comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terra não nos pertence. Somos nós que pertencemos a ela. Tudo o que fizermos a ela, de certo, modo estamos fazendo a nós (cf. Seattle). Esta redescoberta da nossa pertença à Terra critica a visão instrumental que predominou na Modernidade e é hegemônica na Contemporaneidade, apesar de todo o discurso ecológico. Por este e outros motivos, como por exemplo, o domínio do sistema econômico capitalista neoliberal, a Era Antropoceno vive um impasse: talvez, para garantir o futuro de Gaia terá que

⁵³Ibidem. n. 158.

⁵⁴Ibidem. n. 159

“abortar” seu princípio antrópico. O cultivo de espiritualidades ecológicas que se traduzam em pequenas e grandes opções práticas poderá garantir o futuro da humanidade na Casa Comum. Nós, humanos, podemos nos aproximar da natureza apenas como técnicos que lidam com um objeto que deve ser explorado para satisfazer nossos desejos insaciáveis ou tê-la como irmã e Mãe, com quem cultivamos uma profunda e misteriosa-sacramental intimidade:

Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude...”⁵⁵.

Dessa forma poderemos como humanidade redescobrir o sentido de pertença a Casa Comum, como terra que ama, sente, pensa e age. A espiritualidade ecológica deve permear nossas vidas para que o presente o futuro sejam sustentáveis, para que a criação não deixe de ser um projeto sempre aberto do amor do Deus criador.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Alírio; FRANKY, Carlos. Espiritualidades, religiões e ecologia. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 103-134.

BARROS, Marcelo. *A profecia da Terra, a Espiritualidade e Desafios para a Fé*. Caderno de Formação. Brasília: Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social: 2016.

_____. Ecologia integral e espiritualidade trans-religiosa. In: ALVES, Flávio; ALVES, José Fernandes; ALMEIDA, Vilma Ribeiro. *Livro-agenda Latino-americana*. Goiânia: Comissão Dominicana Justiça e Paz, 2017.

⁵⁵ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 11,

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon

Esp. Junior Bufon Centenaro

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade. O que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Ecologia grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1996.

BRANDÃO, C. R. *Minha casa, o mundo*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

CAMARA, Helder. *Quem não precisa de conversão?*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século XXI. In: TRIGUEIRO, André (coord). *Meio ambiente no século 21 – 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GARCIA, Luis G. E.; LODOÑO, Alejandro. Perspectiva a partir da Bíblia. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 137-164

MOLTMANN, J; BOFF, L. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.

MURAD, Afonso (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. Ecologia, consciência planetária e bem viver. In: MURAD, Afonso (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 17-60.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

RAMPON, Ivanir. Ecologia: um paradigma em prol da vida!
Caminhando com o Itepa. Passo Fundo:

Itepa, ano XXIV, n° 88, p. 45-60, mar. 2008.

RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016

VALLINOTO, Maria Jesus; NINÕ, Nohora; CLAVIJO, Gérman; Educar para o Bem viver à luz da fé. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 167-204.

VIGIL, José Maria. Cuidado com o planeta e eco-espiritualidade. In: ALVES, Flávio; ALVES, José Fernandes; ALMEIDA, Vilma Ribeiro. *Livro-agenda Latino-americana*. Goiânia: Comissão Dominicana Justiça e Paz, 2017.

SITES CONSULTADOS

CULTURA BRASIL. *Carta do Cacique Seattle*. Disponível em:
<<http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>>. Acesso em 26/06/2017.

*Ecoespiritualidade a partir das Narrativas da Criação
Rescobrindo a pertença à Casa Comum*

PERDIDO EM PENSAMENTOS. *Mitologia Guarani*. Disponível em:
<<http://perdido.co/2016/05/mitologia-guarani/>>. Acesso em 26/05/2017.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. *Cosmologia e Mitologia*. Disponível em:
<<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/289>>. Acesso em 24/06/2017.